

Francisco Moita Flores
Mataram o Sidónio

MATARAM O SIDÓNIO!

Ana Rosa tinha vinte e quatro anos, o cabelo negro e lábios carnudos, sensuais. E estava a morrer. Os olhos também eram negros, agora ainda mais negros, pois cintilavam de febre no centro das negras olheiras fundas, e largas, que lhe marcavam o rosto de cetim. Os ataques de tosse, que terminavam invariavelmente em espasmos de asfixia, também eram negros. Carregavam os primeiros sinais de um luto precoce, que de negro já vestia. O seu homem, soldadinho do Corpo Expedicionário Português, tombara na Flandres ao serviço da Pátria. Dizia-se. Ela apenas sabia que, dois anos depois do casamento, regressara à casa paterna, sozinha e de luto.

O médico Asdrúbal d'Aguilar fechou a maleta e fechou-se num gesto ambíguo. Disse à mãe de Ana Rosa:

– Pouco mais há a fazer.

– Vai morrer? – havia tanto medo na pergunta que respondeu ainda mais ambíguo:

– O futuro a Deus pertence. Ele decidirá – depois, com um sentido mais clínico, rematou a conversa: – A «espanhola» quer levar-nos todos para o cemitério, Alice.

– Eu sei! – gemeu a mulher. – Oh, se não sei! Já me levou o marido e os sogros. De repente, insurgiu-se, irada: mas também lhe digo, senhor doutor! Não existe Deus se a minha Ana Rosa se for. É o Diabo quem comanda as nossas vidas e as nossas mortes. Não existirá Deus?

Encolheu os ombros.

– Sobre quem manda, não sei. Sou médico, ainda por cima médico legista. Pouco conheço sobre as matérias divinas. E, mudando o tom da conversa, rematou: – Vá, vai fazer o que te mandei. Pode ser que ajude a salvar a tua filha. Eu vou cear. Se precisares de mim, é só bateres à porta.

– Não sei como lhe pagar tanta ajuda. Tenho uns ovinhos que...

– Guarda os ovos, Alice, e trata da Ana Rosa. Com a tua força e a que dela resta talvez consigam vencer o Diabo. Boas melhoras.

E saiu. Estava esfomeado. Desde que a pneumónica invadira Lisboa, não houvera uma noite para cear com a família. Quando chegava do Instituto de Medicina Legal, onde era chefe do Serviço de Clínica Legal, tinha à sua espera uma folha com os nomes dos vizinhos e amigos que lhe pediam ajuda. Ao princípio, ainda reagira, contrariado.

– Porque não dizes a esta gente que sou médico de mortos? Faço autópsias, exames anatomopatológicos, sou perito em exames sobre ferimentos, equimoses, hematomas. Sei mais de punhais e de pistolas do que sobre gripe ou tosse convulsa.

Glória beijava-o com ternura e argumentava, disparando as palavras certas ao coração do marido.

– Asdrúbal, és demasiado bom homem para te refugiares nessa conversa. Podes saber pouco dessas doenças, mas sabes o que está a acontecer. É terrível! Ainda hoje morreram mais duas pessoas da nossa rua. Um velhote que trabalha numa quinta para os lados do Campo Grande e o senhor Marcelino, da carvoaria de Santa Marta.

– O Marcelino morreu? Mas ainda não há uma semana que estive com ele!

– Uns homens da Misericórdia levaram-no na padiola, embrulhado num lençol. Lá foi a caminho da vala comum do Alto de São João.

– Coitado do Marcelino! Era um bom amigo.

Deve dizer-se que Asdrúbal d’Aguiar organizara a vida, os afectos, o trabalho, em categorias simples mas eficientes. Não reconhecia, fosse quem fosse, por ser poderoso ou de condição humilde. Bastava-lhe saber se era boa pessoa, bondosa e afável, ou se estava perante um exemplo da soberba ou de qualquer outro dos pecados capitais. Portanto, o Marcelino era um bom amigo por ter sido uma boa pessoa. O mestre que ensinava a Asdrúbal, no entardecer da Rua do Telhal, as regras do futebol, um estranho jogo em que os atletas disputavam uma bola com os pés, e que apaixonava os lisboetas, que corriam aos campos de Benfica para assistir aos jogos do Sport Lisboa, ou aos campos do visconde de Alvalade, onde jogava o Campo Grande Sporting Clube e que recentemente passara a denominar-se Sporting Clube de Portugal.

– Esta maldita gripe há-de dar cabo de nós todos – gemeu Glória e, preocupada, perguntou: – Sentes-te bem, não é verdade? Fico com tanto medo que adoças naquele Instituto. Ainda por cima com a sobrecarga de trabalho que te puseram em cima dos ombros.

A mulher referia-se ao cargo de director interino que, há cerca de dois meses, lhe fora confiado pelo professor Azevedo Neves, que, entretanto, aceitara a pasta do Comércio na última remodelação governamental levada a efeito por Sidónio Pais. Até ao regresso para o cargo que lhe pertencia, Asdrúbal d’Aguiar acumulava as funções de chefe de serviço com as de direcção do novel Instituto de Medicina Legal de Lisboa. Sorriu e beijou-a.

– A *influenza* não quer saber de cadáveres. Anda sempre à procura dos vivos. Dá-me então o papel com a lista dos doentes. E uma maçã, que estou cheio de fome.

Pegava na maleta e partia para visitas pela vizinhança, descobrindo doentes e moribundos. Calcorreava o Torel, a Calçada do Lavra e do Moinho de Vento, Santo António dos Capuchos, as hortas do Conde de Redondo até regressar cansado e mortificado por travar um combate tão desigual. A *influenza* fustigava impiedosamente a cidade desde os inícios de Outubro, lançando o medo e a morte por toda a parte. Por cada dia que passava, surgiam mais xailes negros pelas ruas, homens de cenhos carregados de tragédias, e Lisboa, ainda sobre a pressão dos efeitos traumáticos da Grande Guerra, esvaída de fome, gania prantos e mortos breves, tão apressados que dir-se-ia que Deus apenas lhes dera vida para que a morte os levasse. Os cemitérios não davam vazão à enchente. No Alto de São João, entravam cadáveres às dezenas. E nos Prazeres. E na Ajuda. E a peste ria-se de tanta amargura fétida. Brincava com a dor de tanta gente, começando por matar os coveiros. Contava-se que o encarregado geral do cemitério da Ajuda sepultou, sozinho, mais de cem corpos com as almas devoradas pela epidemia. Os seus subordinados deitados à terra, e os cadáveres cada vez mais pútridos, cada vez mais exangues, esqueletizados, mirrados, amontoavam-se, provocando o regresso da velha vala comum que os cemitérios municipais tinham jurado extinguir em nome da individualidade e da dignidade de todos os homens. A vala comum regressara ungida pelos demónios que Mouzinho da Silveira e Rodrigo da Fonseca Magalhães julgaram ter vencido setenta anos antes, quando libertaram os mortos das cercas eclesiais.

Asdrúbal d'Aguiar conhecia o poder corrosivo da peste. Saltara de um passado milenar, feito de muitas pestes, para interpelar o século que abrira euforicamente as portas ao som dos hinos que anunciavam a ciência e a resolução de todos os males do corpo, da alma e do mundo. Conhecia a maleita da bancada de autóps-

sias por onde, durante aqueles quase três meses tinham passado dezenas de infelizes antes de irem a enterrar. Os tanatologistas, liderados por Geraldino Brites, não davam vazão à enchente e ele socorria-os, desafogando o tráfego de mortos que chegavam nas padiolas, nos carros de mulas e de bois, em automóveis, ou tão-só embrulhados em sacos de carvão. Gente sem nome, nem família, nem passado, vindos dos recantos negros de enxúndia e lixo, espalhado pela cidade, pelas ruas e pelos pátios, pelas «ilhas» e «vilas» operárias de Xabregas a Alcântara. Gente que respondia apenas pela alcunha, pois chegara antes da reforma republicana do registo civil e do direito ao nome. Raramente contando episódios de família, a alcunha registava histórias de vidas, vindas de muito longe, de galegos e trasmontanos, de minhotos e ribatejanos, almocreves e ganhões, pastores e camponeses, convertidos em serventes de pedreiro, construindo a Lisboa que despertava para as primeiras buzinas das fábricas da tardia era industrial.

O seu colega Geraldino Brites, chefe do Serviço de Tanatologia, autopsiou ou dirigiu as autópsias de indivíduos que apenas respondiam por o *Coxo*, o *Galego*, o *José das Bestas*, a *Emília Cerzideira*, o *Fandanguista*, a *Velhaca*, o *Minhoto*, o *Pilonas* e por aí fora. Sem outro nome. Sem idade. Sem paternidade. Por vezes, no livro de entrada dos cadáveres ainda surgia a terra onde se supunha que haviam nascido, pois existe um pedaço de terra íntima na alma de cada homem. E todos eles, andarilhos de muitos trilhos, malteses da riba Tejo, por não se saber a quem pertenciam nem se lhe conhecer a causa da morte, desembocavam na Morgue, ainda há pouco tempo transformada em Instituto de Medicina Legal. Em todos a peste revelava-se de forma semelhante: os pulmões estilhaçados por pneumonias que asfixiavam o tutano dos brônquios. Noutros parecia que tinham explodido, tal era a hemorragia interna que coalhava o tórax dos finados.

Para além desta anatomopatologia apocalíptica, feita de pus e morte, ainda que se soubesse que era um vírus da família da gripe normal, nenhum cientista, herdeiro dos instrumentos de Pasteur e do laborioso positivismo de Comte, conseguira ver na lamela de um microscópio a figura do estupor. Familiar da gripe de todas as invernias, era certo. Todavia, não se compreendia porque matava assim, assassino veloz, que não precisava de mais de três a quatro dias para asfixiar os mais descuidados. Alguns morriam num punhado de horas. Começavam as febres, a falta de ar, os tremores pelo corpo e suores de arrepiar, que ninguém sabia se eram de frio ou de calor, sendo certo que todos tremiam de medo e nem mezinhas antigas, nem os compostos vindos do pilão do farmacêutico, dos boticários, dos sábios que guardavam segredos seculares de chás, tisanas e outras ervas mágicas oriundas das montanhas de Sintra, salvavam da asfixia aqueles que a pneumónica tomava em garrote. Todos mortos. Novos e velhos. Curiosamente mais novos do que velhos. E os vivos sobreviviam entre o desgosto de lutos acumulados, pois havia famílias em que, de proles numerosas, restavam dois ou três e ninguém sabia se esta não era a peste anunciada para o fim dos tempos. E, por todos estes medos à solta, as bruxas da cidade, quase todas proclamadas herdeiras dos dons milagrosos de Sousa Martins, que se finara meia dúzia de anos antes para os lados de Alhandra, garantiam mezinhas retiradas do *Livro de São Cipriano*, benzeduras que espantavam o Maligno, pois que era esta a sua força. E que ninguém duvidasse! Que o luto era penitência pela remissão dos pecados republicanos. Como já se havia revelado meses antes, na Cova da Iria, para os lados de Ourém, quando Nossa Senhora apareceu a uns pastorinhos, fechando o céu e a terra numa trovoada tão medonha que era a própria evidência de Deus. A peste cruzava a fúria demoníaca com a cólera divina, como se as sete trompetas tives-

sem anunciado o fim da idade dos blasfemos e ímpios, e os pobres de Cristo finavam-se sem que houvesse dos senhores doutores resposta científica que explicasse tanta lágrima, tanto sofrimento, tanto último suspiro, tanta dor, tanta morte, tantos mortos. E ganhavam fama.

A Rosário do Fraldisqueiro abandonou a canastra que durante anos empinara na cabeça, vendendo sardinha linda, para se dedicar aos milagres. Rezava três padres-nossos. Depois fazia, com azeite quente, o sinal-da-cruz na testa, no peito e na barriga do crente. Arrumava os trabalhos com mais um padre-nosso para depois recomendar ar fresco e, à noite, leite com aguardente com fartura, abafando até que o Sol nascesse. Não havendo leite, que se reforçasse com três sinais-da-cruz, sempre de costas para as encostas dos cemitérios, encarando o Tejo, que a água do rio é pura, tão pura que foi escolhida por João Baptista para baptizar os filhos de Deus. Ganhava dez vezes mais por cada dia de peste, sem precisar de calcorrear as ruas da Madragoa até à Lapa, canastra pesada de peixe, aturando clientes. Como ela, muitas feiticeiras, recrutadas aos tempos idos e velhos da história, ainda salvaram mais crédulos que a fúria da epidemia descuidara. Nunca se vira liberdade assim no Reino, ou na República, para bruxas e cartomantes, ciganas especialistas nas leituras da sina, *santos* que enganavam qualquer mau olhado, videntes que reclamavam as almas virtuosas, vindas do outro mundo para, com a sua bondade, afastarem a peste e curarem os clientes do negócio. Trabalhavam com desvelo sob o olhar de bonomia da República, mais indulgente do que a fúria dos tribunais heréticos de outrora.

Lisboa era um mar de doentes. Os hospitais atulhados, alargaram funções às escolas, conventos, armazéns, transformados em enfermarias de campanha, e multidões assustadas, doridas da tosse e das febres, saltavam das filas da maleita para as filas da sopa do

Sidónio, multidões esfomeadas, extenuadas, zurzidas pelo racionamento que cortava no pão, no açúcar, no mais humilde dos confortos, transformando a cidade num imenso peito a arder em febre e medo. E a «espanhola» reinava. Orgulhosa e déspota. Escolhendo vítimas, decidindo quem deveria matar, quem deveria ser apenas submetido ao suplício com poupança da vida, que apenas deixaria em leito sofrido. Reinava, e com ela renasciam maldições e culpas. Não foram poucos os sacerdotes que não desperdiçaram tempo para morder as canelas da República infiel, que tão madrastra se revelara para a Santa Madre Igreja. Foram ainda mais os republicanos, sem condição, que consideravam Sidónio Pais culpado de todas as atrocidades. Desde os presos políticos ao racionamento, esse homem ruim que conspurcara a República Velha e inventara outra maneira de matar os famintos, depois de ter deixado morrer tantos heróis à míngua nos campos de La Lys. Um verdadeiro diabo laico que desprezava os sonhos dos seus irmãos que juraram construir a Liberdade, a Igualdade e a Fraternidade.

E nessa noite em que Ana Rosa estrebuchava, dividida entre morrer e viver. Nessa noite em que Asdrúbal d'Aguiar regressava a casa a altas horas, cansado de tanta mágoa, derreado de tanto andar, vencido pelo trabalho e pela incapacidade de curar, sonhando muito menos do que os heróicos sonhos republicanos, que clamavam vingança contra o ditador, e desejando apenas uma cama onde adormecesse, lobrigou a esposa a acenar freneticamente, mal surgiu à luz dos candeeiros de gás.

– Asdrúbal, vem depressa!

Estugou o passo, ansioso e desperto. A aflição de Glória prenunciava a tragédia.

– O que foi? – gritou de longe, enquanto corria para a mulher. Pensou que um dos filhos adoecera e o coração bateu forte. Só já mais perto perguntou outra vez: – O que foi?

– Trouxeram um recado do Instituto. Mataram o Presidente da República.

– O quê? – da aflição inicial passou para a surpresa. Devia ter percebido mal.

– O Presidente Sidónio.

– Morto? Mataram-no? Tens a certeza?

– É verdade. Mataram Sidónio Pais.

Com uma mão, a mulher limpava as lágrimas do rosto. Com a outra estendeu-lhe o papel assinado pelo seu director, agora governante, Azevedo Neves.

Sidónio estava morto. Cumprira-se o destino, ainda há pouco anunciado, quando se salvara por pouco de um atentado após uma homenagem aos marujos da nossa pobre Armada.

O médico legista entrou em casa. Pousou a maleta e deixou-se cair numa cadeira, pernas trémulas da surpresa e do cansaço. Tornou a ler a mensagem. Era curta e seca: «Preciso de si. Assassinarão o nosso Presidente da República. Estou no Instituto ou em São José. Azevedo Neves.» Como por milagre, o cansaço desapareceu. Mais do que a percepção política do que poderia acontecer, pensava no sofrimento do seu mestre e amigo que acabara de lhe enviar o bilhete. Azevedo Neves integrava, desde Outubro passado, o Governo de Sidónio Pais, saído do golpe militar de Dezembro do ano anterior. E por causa da violência com que a *influenza* se aproximara de Lisboa, sabendo da onda de devastação que percorria o país de norte para sul, acabara por aceitar um desafio maior. O Presidente conhecia a dimensão assassina da pandemia. Percorrera enfermarias e hospitais, dando ânimo aos doentes, confortando as famílias. Visitara conventos e escolas, transformadas em imensos lugares assistenciais, atulhados de doentes que as instituições de saúde já não conseguiam receber, e tudo apoiado no grande estardalhaço da política feita de espec-

táculo, do qual era o único protagonista. Pedira a Azevedo Neves e Ricardo Jorge que preparassem a rede hospitalar e assistencial de Lisboa para receber a doença. Embora se fizesse sentir desde Maio, um pouco por todo o lado, aumentara a agressividade a partir dos finais de Junho. Os primeiros mortos surgiram no Norte, entre Amarante e Vila Real. Avançara para Trás-os-Montes e em direcção ao Minho e começou a descer lentamente junto à raia. Em Julho matava desabridamente acima do sistema montanhoso da serra da Estrela. A partir de Agosto, enchia os cemitérios de Castelo Branco, de Portalegre, de Évora, e galopava, assassina, para o Sul, Alentejo fora até ao Algarve. Muitos municípios tiveram de recorrer à requisição civil para sepultar os seus mortos, sem tempo para covais, abrindo valas comuns a eito, sepultando rapidamente, não fosse a *espanhola* ressuscitar, e cercou Lisboa em finais de Setembro.

As primeiras vítimas chegaram aos cemitérios da cidade na última semana daquele mês. E a fileira não deixou de engrossar os números de dia para dia, chegando a cinquenta enterramentos diários no Alto de São João quando, nos dois meses seguintes, se apossou definitivamente da capital.

Azevedo Neves, ao lado do seu amigo Ricardo Jorge, então director-geral de Saúde, e de outros médicos, fazia parte do estado-maior do exército sanitário, incumbido das defesas de Lisboa contra a *influenza*, o mais mortal dos inimigos que alguma vez tinham invadido a cidade. Nem a peste negra matara assim, tão desprendida e cruel.

– Vou ter com o professor. Não esperes por mim – disse Asdrúbal, tornando a pôr o chapéu.

Glória correu a buscar o sobretudo e pediu-lhe:

– Come uma sopa. Está quente e deves ter fome.

– Não tenho tempo. Azevedo Neves deve estar desfeito.

– E tu adoeces se não te alimentares.

Envervou rapidamente o sobretudo e respondeu:

– Não. Estou bem. Fecha bem a porta e vê se descansas. Depois deste assassinio, Lisboa não vai ter uma noite calma, de certeza absoluta.

– Fico tão assustada por ti, Santo Deus.

Beijou-a e afagou-lhe o rosto.

– Ninguém me faz mal. Até a «espanhola» tem medo de mim. Amo-te. Dá um beijo por mim aos nossos filhos.

– Amo-te. Tem cautela, por amor de Deus. – Asdrúbal ia sair, mas Glória parou-o. – Espera. – Tirou uma banana da fruteira e enfiou-lha pelo bolso do sobretudo. – Ao menos come enquanto vais a caminho.

Beijaram-se rapidamente e Asdrúbal d'Aguiar tornou a sair de casa.

Ainda não tinha quarenta anos. Era entroncado, de estatura média, e tinha um olhar negro. Cintilante. Não era preciso conhecê-lo de perto para se lhe descobrir, de imediato, a timidez que, por sua vez, escondia uma energia sem limite. Ingressara na Morgue de Lisboa a convite do director da altura, o professor Silva Amado. Quando as morgues foram criadas, em 1899, Silva Amado fora indicado pela Escola Médico-Cirúrgica para implementar a organização dos serviços de perícia médico-legal. Mas o velho e enorme professor, nos gestos semelhante a um açougueiro, no trato pensar-se-ia estarmos perante um diplomata, era pouco dado a tarefas organizativas e vivia na nauseabunda sala de autópsias como um peixe na água. A anatomopatologia era a sua paixão, o amor único da sua vida, e qualquer cadáver fresco ou podre era um encantamento. Foi ao seu lado que Asdrúbal d'Aguiar deu os primeiros passos na descoberta dos inextricáveis caminhos da morte. Ou como Silva Amado muitas vezes repetia:

– Nestas entranhas descobrimos os caminhos da vida. A morte pouco importa. Um verdadeiro cientista procura com o seu bisturi as razões por que terminou a vida para com elas salvar outras vidas. É esta a missão sagrada da medicina dos mortos!

Aquele edifício no Campo Santana, ao lado da Escola Médico-Cirúrgica, cheirava mal dos alicerces ao telhado e exalava odores pútridos pelas redondezas. Eram raros os transeuntes que não passavam tapando o nariz e em passo de corrida. Ali residia o medo absoluto. Apenas os curiosos perversos eram seduzidos ao local. Logo à entrada, numa sala estreita e comprida, alinhavam-se os cadáveres de desconhecidos recolhidos pelas padiolas da Misericórdia ou trazidos, pela polícia, dos passeios, dos palheiros, retirados do rio, sem nada que os identificasse. Ali ficavam dias a fio, apodrecendo devagar ou rapidamente, conforme vinha frio ou calor. O povo de Lisboa tinha acesso a esta sala para procurar os seus entes queridos. Porém, a maioria dos frequentadores eram testemunhas assíduas, que discutiam acaloradamente as feições, idades, e teciam comentários à degradação cadavérica obsessivamente fascinados pela onnipresença da morte

Asdrúbal d'Aguiar percebeu logo a intuição felina do seu patrono. Cada autópsia de Silva Amado era um tratado de experimentalismo. Dissecava com precisão cirúrgica e intuía as lesões mortais que se escondiam nos tecidos e órgãos que abria como se corresse atrás da descoberta certa.

Sobrava-lhe em talento operacional o que lhe faltava em conhecimento académico. Dir-se-ia mesmo que era o menos erudito de toda a constelação de estrelas que brilhava no firmamento hipocrático de Lisboa dos princípios do século XX. Longe da densidade de Miguel Bombarda, do espírito analítico do recentemente falecido Câmara Pestana, incapaz das teorizações de Júlio de Matos ou de Sousa Martins. Era um operário da ciência, como a si pró-

prio se intitulava. Herdeiro directo de Claude Bernard. E quem o visse de mangas arregaçadas, bata e avental ensanguentados, ditando ordens a assistentes e serventes, abrindo vísceras e zangateando com cangalheiros, e não lhe ouvisse a perspicácia inteligente com que descrevia quadros de diagnóstico, conforme autopsiava, julgá-lo-ia um talhante da Praça da Figueira.

Asdrúbal d'Aguiar apenas o viu tremer uma vez. Quando chegou o momento da autópsia do seu amigo de sempre Miguel Bombarda, assassinado por um doente de Rilhãfoles, dois dias antes da proclamação da República. Quando avançou de bisturi em punho para a incisão no couro cabeludo, hesitou. Não conseguiu controlar dois soluços de choro e passou o instrumento a Azevedo Neves. Aquele cadáver desnudado pertencia ao mais indómito médico, ao sábio que rendia plateias, ao director da *Medicina Contemporânea*, ao homem que congregara à sua volta uma academia crítica e corajosa.

– Abra o cadáver do doutor Bombarda. Fazemos a autópsia do nosso amigo em conjunto.

Asdrúbal não queria acreditar. O mais prático e eficiente médico legista que alguma vez conhecera diluía-se num pranto de lágrimas silenciosas conforme avançava o exame tanatológico. Afinal, os médicos da morte também choravam os seus mortos.

Quando, vindo da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, o jovem médico chegou à Morgue para ser assistente de Silva Amado, já ali trabalhava o professor Azevedo Neves.

Era o complemento do seu director. Mais meticoloso, menos interessado em resultados clínicos, mais atento a outras abordagens da tanatologia, que estudava até à exaustão, acumulando uma biblioteca enorme sobre a perícia médico-legal. Seco de carnes, barba tratada, óculos pendurados na ponta do nariz, Azevedo Neves era evidência erudita naquela Morgue nauseabunda, mere-

cendo a admiração de todos os colegas. Até mesmo de Silva Amado, que o tratava com uma deferência onde se misturava amizade com apreço. Mas, por vezes, exasperava-o a calma minúcia do outro. E nessas alturas tratava-o por tu.

– Azevedo! Esta merda não vai lá assim. Já fiz quatro autópsias, começámos ao mesmo tempo e ainda não despachaste o primeiro tipo. É preciso eu ir aí fechar esse cadáver?

Azevedo Neves conhecia-lhe o temperamento, sorria e respondia, doce.

– Estou a terminar, professor. Estou a terminar.

E Silva Amado ralhava.

– Esta é agora a moda dos cientistas modernos. Análise e dedução. Não pensam noutra coisa. Análise e dedução! Metem as ventas dentro das entranhas de um morto e chafurdam tanto ou tão pouco que, se o cadáver não estivesse morto, morria de impaciência. Passa-me o alicate! E você aí, deixe de olhar para mim armado em cientista moderno e comece a abrir o próximo cadáver que eu já lá vou. Ainda temos seis pela frente. Não há tempo para o cientismo. Ponha esse cu a mexer e toca a trabalhar.

O aparente desprezo pela eficácia de Azevedo Neves era falso. Ao fim da tarde, discutiam durante horas os resultados do trabalho diário com o entusiasmo de adolescentes.

– Tenha paciência, Azevedo Neves, tenha paciência. Somos médicos, a nossa primeira obrigação é ajudar a medicina a salvar vidas. O problema da justiça vem depois e numa escala muito mais abaixo. Aqui produzem-se actos clínicos. Se os juízes precisarem de nós, ajudamos, mas não nos pagam para fazer justiça. Pagam-nos perícias. E é quando pagam, que o secretário-geral da Boa Hora é um caloteiro, ainda por cima de falinhas mansas. Há mais de seis meses que não lhe conseguimos cobrar um real.

Vivesse esta Morgue do que a justiça nos paga e nem gelo haveria para colocar sobre os cadáveres. Cambada de caloteiros! Como pode avançar um país cuja justiça é caloteira? Diga-me.

– Tem razão. Nisso tem razão – retorquia-lhe. – Mas os caminhos da ciência invadiram a *disputatio* retórica dos tribunais. Podemos e fornecemos provas que nenhuma testemunha pode contraditar. Do seu bisturi saltam evidências que nem juiz, nem advogado de defesa, nem testemunha são capazes de pôr em causa.

– Lá está você. As evidências do meu trabalho servem os meus alunos que querem ser cirurgiões. E quanto aos tribunais sempre lhe digo. As nossas perícias só lhes servem quando lhes dá jeito. A maioria dos exames que nos pedem nem são lidos, garanto-lhe eu. Querem lá os tribunais saber dos nossos exames.

– É verdade. Mas estamos, mesmo que os tribunais não queiram saber, a contribuir para a emergência das ciências forenses.

Era o momento de atacar o conhaque e oferecer um cálice ao antagonista.

– De facto, pensa como o Miguel Bombarda. Defendia que a ciência médica deveria substituir os juízes. Aquele Bombarda era único. Chegou a escrever, na *Medicina Contemporânea*, que não fazia sentido ser um juiz o presidente do Conselho Médico-Legal já que não percebia nada de ciência. Doido varrido, homem dos diabos, e o senhor vai pelo mesmo caminho.

Azevedo Neves não respondeu, ficando em silêncio a bebericar o conhaque. Silva Amado repetia sempre o mesmo ataque.

– E você concorda com ele. O seu silêncio é de concordância!

– Apenas estou a saborear o seu conhaque. É excelente – respondeu com polidez. – Não sou um adepto incondicional do monismo mas o professor Bombarda tem razão em muitas das suas teorias.

– Espertalhão é o que o senhor me saiu. É o que eu digo. Estes cientistas modernos perderam a vergonha.

Asdrúbal d'Aguiar ganhou, entretanto, estatuto profissional para participar nestas intermináveis discussões e deliciava-se a ouvi-los. Muitas vezes dera consigo a pensar que gostaria de ser uma síntese daqueles dois homens soberbos. Empirista e cientista. As fundações da estrada que conduziria à descoberta de todas as verdades. Pelo menos, de algumas verdades tantos séculos escondidas nos mantos envelhecidos do conhecimento de senso comum e conhecimento teológico.